



IA na Revolução *DA VIDA*

O olhar de um empresário de tecnologia diante da Revolução da Indústria 4.0 e da Revolução da Vida promovida pelo IEN, causa que apoio com muito orgulho.

Apesar da Inteligência Artificial, dos Humanóides, Robôs e equipamentos fantásticos, o que mais me marcou não foi nenhuma máquina. Foi o que aquelas tecnologias revelam sobre nós, a HUMANIDADE.

Revelam o medo. O incômodo silencioso de quem sente que o mundo avançou sem avisar. A sensação — que vi nos olhos de muitos ali presentes — de estar diante de um futuro para o qual não foi convidado. Um escuro que não é ausência de informação, mas vazio ou excesso de crenças não examinadas.

A primeira revelação foi que esse incômodo existiu em todas as revoluções tecnológicas — os mesmos sentimentos e crenças sobre aumento do desemprego, coisificar o trabalho e comprometer as relações.

A história mostra que cada onda tecnológica elimina funções e cria outras. A Revolução Industrial eliminou o tecedor manual e criou o operador de máquinas. A Revolução Informacional eliminou o datilógrafo e criou o programador. Trabalhos mais qualificados e bem remunerados. O verdadeiro risco não é o desemprego, mas outros fatores que a tecnologia expõe: a lentidão dos governos, das empresas e de um sistema educacional que ainda forma operários e foca na transmissão de conteúdo. Com a IA não será diferente: muitas funções e empresas serão substituídas e outras, antes inimagináveis, serão criadas.

A segunda revelação foi que o trabalho coisificado vem de muito antes da IA. É um tema séculoso que merece artigo próprio, mas o ponto central é este: já tratávamos o ser humano como máquina muito antes de qualquer algoritmo. E isso, pasmemos, já fazíamos há séculos.

Não é sobre adaptar o humano à máquina. É sobre formar o humano capaz de ser maior do que qualquer máquina ou processo padrão que ele possa criar.

A terceira revelação foi que a IA e as novas tecnologias vieram, como todas as que se solidificaram antes — os computadores e a internet na Revolução Informacional —, muito mais para amplificar o potencial humano do que para prejudicá-lo. Porém, como acontece com a internet e as telas, o uso errado ou exagerado diminui a presença das pessoas, e isso sim prejudica as relações. Muita gente vai usar a IA para não pensar — o que será muito ruim. Voltamos, portanto, à HUMANIDADE como causa, não à TECNOLOGIA.

Por isso, o que o IEN propõe há anos — uma economia das GENTES antes das COISAS, uma economia de DENTRO antes da de FORA, uma vida que benigne outras vidas — não é uma resposta nostálgica à tecnologia. Estou convicto de que é a resposta mais avançada, disruptiva e inovadora que existe para o mundo que vivemos. Porque nenhuma revolução tecnológica sustenta prosperidade se não estiver a serviço de uma revolução de vida — e tudo se tornará ameaça se não cultivarmos o SER humano.

Depois da Revolução Industrial e da Revolução Informacional, que continuarão a evoluir, o próximo movimento que precisamos escalar é a Revolução da Vida. O IEN nomeia isso com precisão e tem como fundação a Escola de Oportunidade, que traz os cinco OBPORTUS para educar e cuidar do SER humano na justa medida.

A quarta e última revelação foi que, se aprendermos sobre a IA natural — a inteligência ancestral — e olharmos para a IA tecnológica como aliada e não como ameaça, o jogo muda, e muda para muito melhor.

Para quem souber usá-la com discernimento, a Inteligência Artificial será um grande aliado tecnológico dessa revolução da vida. Ela conecta corpo e mente — daí parecer tão humana —, mas libera o ser humano das tarefas que consomem atenção sem devolver sentido, abrindo tempo para cuidar das relações e da alma, a nossa IA natural. Afinal, ela jamais amará nem será amada, não terá propósito, não conseguirá se relacionar, consolar ou reconhecer a nobreza que existe em outra pessoa. Essas capacidades são exclusivamente humanas — o que no IEN chamamos de Capital Espiritual e Relacional, nos quais, mergulhamos na Escola de Oportunidade.

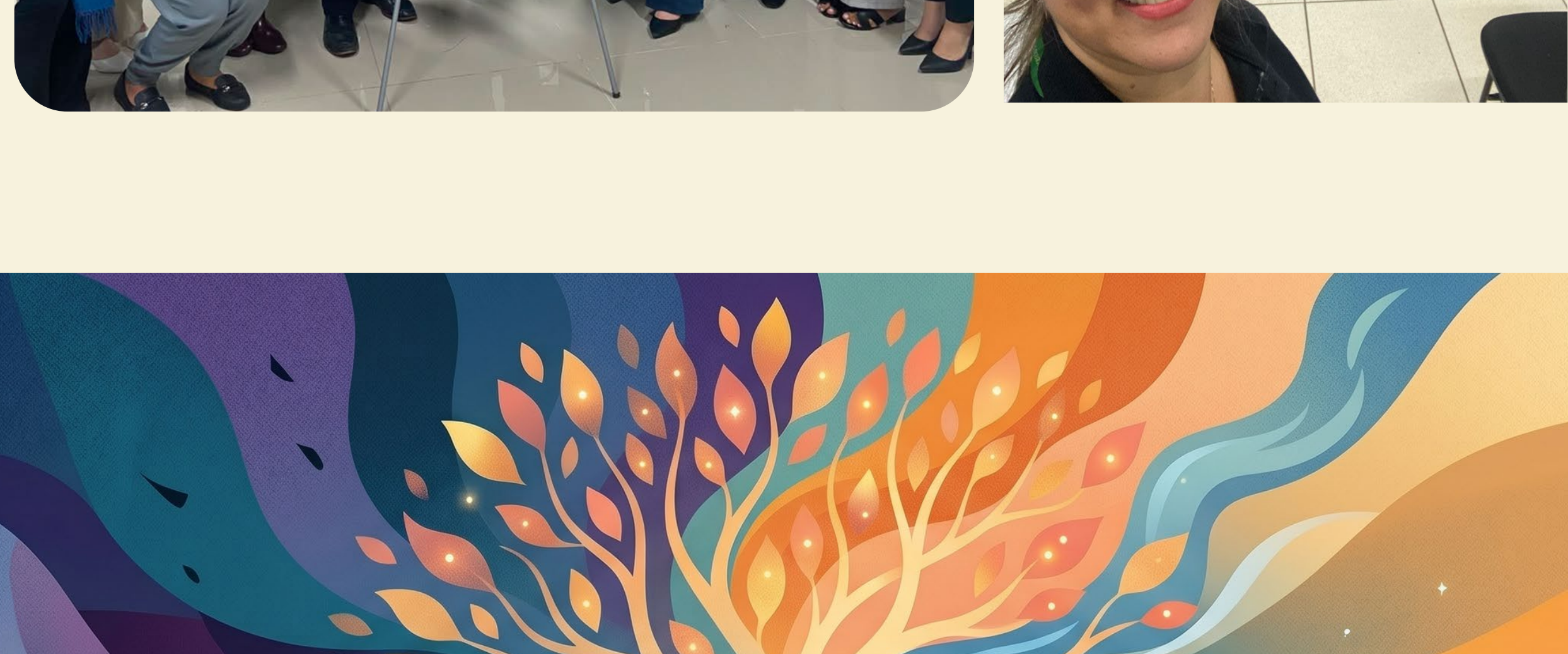
A IA não compete com o capital espiritual nem relacional. Cria as condições para que ele floresça.

Toda tradição espiritual e filosófica converge num ponto: a vida plena exige presença. E a maior inimiga da presença é a sobrecarga de tarefas repetitivas, urgentes e sem significado. Quando a tecnologia assume essa carga, ela diminui o humano — o devolve a si mesmo.

PENSE NISSO e cuide melhor das IAs, especialmente a sua natural. Pratique para constatar.

Eduardo Baldi
Artífice do Instituto Economia ao Natural
CEO e Líder Educador da ETS+Tekno-Sip

Escola em *MOVIMENTO!*



Torne-se uma *FORÇA DA NATUREZA!*

Por Roberto Tranjan

Lá estavam eles, mestre e discípulo, na calma tarde de outono, às margens de uma lagoa, refletindo sobre a vida. Enquanto conversavam, um inseto pousou sobre a mão do mestre e o picou. Ele interrompeu o diálogo e, delicadamente, levou o inseto de volta para a lagoa.

Retomaram a conversa e o mesmo inseto retornou, ferindo novamente a mão do mestre. Pacientemente, ele o devolveu à água.

O inseto repetiu a agressão e foi devolvido da mesma forma.

Foi quando o discípulo, inconformado com a situação, indagou:
– Mestre, ele vai continuar picando a sua mão. Não é melhor matá-lo?

Serenamente, o mestre respondeu:
– É da natureza dele picar, é da minha natureza salvar.

Insetos sobrevoam ao nosso redor o tempo todo. Estou usando o inseto como metáfora dos muitos problemas que nos avizinham diariamente. A natureza deles é nos perturbar, desorientar, confundir, desviar, distrair, obstaculizar. É da natureza dos “insetos” nos provocar.

Podemos entrar na deles e nos deixarmos contaminar, infectar e intoxicar. Podemos ceder à sua persistência. Ou, ao contrário, podemos retornar e reforçar a nossa própria natureza. Para isso, precisamos saber qual é a nossa verdadeira natureza, muitas vezes esquecida ou abandonada diante da inselândia que nos aflige.

Esse é o ponto: muitas vezes esquecemos qual é a nossa verdadeira natureza e, com isso, somos alvos e vítimas fáceis dos “insetos” ao redor. Queremos ser bons e desenvolver muitas competências, capazes de nos destacar e fazer com que sejamos bem-sucedidos. Vamos em busca de conhecimentos e habilidades que nos capacitem, de maneira que nos tornemos mais competitivos.

Assemelhamo-nos aos insetos, quando aprendemos algo que possamos repetir todos os dias e pelo resto da vida, seja profissão, cargo ou função. Quando o que fazemos se sobrepõe ao que somos, nós nos colocamos na categoria dos insetos. Muitos caem nessa armadilha, tentando desenvolver competências que, muitas vezes, vão no sentido contrário de sua verdadeira natureza.

E qual a nossa verdadeira natureza?

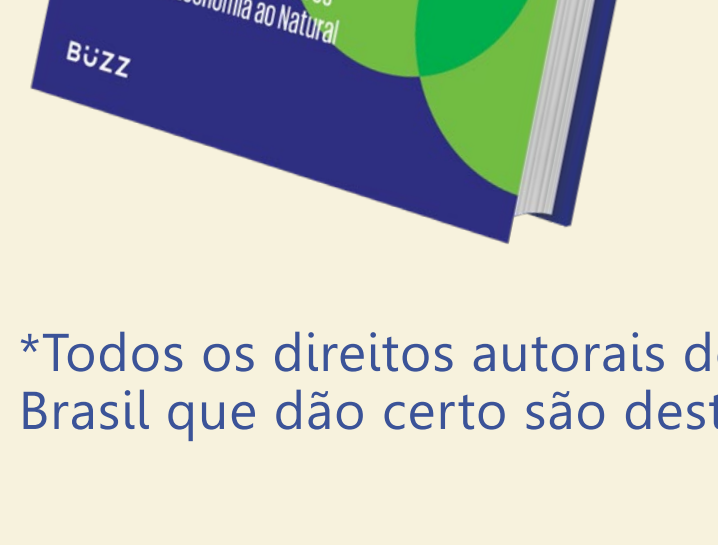
Tornarmo-nos melhores como seres humanos, eis a nossa verdadeira natureza. Para muitos de nós, ser melhor pode estar relacionado com aptidões. Embora não haja nenhum problema em ampliar as capacidades, elas nem sempre nos tornam donos de uma natureza. Existem muitas inteligências excepcionais por aí que mais destroem do que constroem. A depender delas, estamos falidos como Humanidade.

Uma pessoa melhor se constrói a cada dia por suas virtudes, como a perseverança, a integridade, a gentileza, a afetuosidade, a justiça, a equidade, a humildade, a temperança etc.

Podem parecer um trabalho árduo desenvolver virtudes que nos fazem melhores, mais fácil seria recorrer às competências que nos ajudam a resolver os problemas do dia-a-dia. Ocorre que a inselândia aumenta de tamanho a cada dia, justamente pela ausência das virtudes que teríamos de desenvolver. De nada adianta acrescentar mais uma competência no currículo com o intuito de abater “insetos” que só fazem proliferar.

Sim, a virtude soa como um trabalho árduo, mas é o que nos devolve à nossa verdadeira natureza. Um trabalho pessoal e intransferível que, ao final da jornada, nos dará muita alegria e sentimento de orgulho, além da gratidão pela sorte e primazia de tê-la aprofundado. Vivencie e comprove!

Convide mais pessoas para
se juntarem à **Economia ao Natural!**



**ASSOCIE-SE ou
convide alguém
para se associar
ao IEN!**



*Todos os direitos autorais do livro Pedaços de Brasil que dão certo são destinados ao IEN.

